

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"



BATALHA DO CRISTO E MEMÓRIA DO RAP EM UMA CIDADE NO INTERIOR DO CEARÁ

Lucas Frota Oliveira Leite Alves Machado¹, Roberto Marques²

Resumo: A pesquisa tem como foco a Batalha do Cristo, evento de *hip-hop* que ocorre nas noites de sábado, em diferentes praças públicas da cidade de Crato-CE. O recorte desta pesquisa, envolvendo um cenário complexo, multifacetado e vibrante, se delimita no mito fundador anunciado pelos organizadores. Objetiva-se encontrar conexão entre a gênese do *rap* nos Estados Unidos e os discursos proferidos pelos oradores e participantes da Batalha do Cristo. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo e interpretativo. A Observação Flutuante é um traço importante desta pesquisa. Bem próximo de uma metodologia etnográfica, mas que não conta com interações em campo. Ao invés disso, teço observações, utilizo de caderno de campo e gravador para construir dados primários. Além disso, faço uso de entrevistas semiestruturadas que foram transcritas e interpretadas. A pesquisa indica que existe uma relação entre a gênese do *rap* enunciada pelos organizadores e o cenário atual de rap cratense, evidenciando vários termos que se interseccionam nos discursos dos oradores e plateia. Revela-se que tais termos foram resignificados ao longo do tempo.

Palavras-chave: Rap. Batalha do Cristo. Crato. Memória.

1. Introdução

O foco deste estudo é a Batalha do Cristo e o mito fundador do *rap* descrito pelos organizadores do evento. A Batalha do Cristo, a partir de agora BDC, promove duelos de rimas, organizados quinzenalmente. Pode-se dizer que tais produções poéticas e ritmadas são como laboratórios de discursos que giram em torno do cenário de *hip-hop*³ cratense. A BDC aconteceu pela primeira vez, há sete anos

¹ Licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri, email: lucas.frota@urca.br

² Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará e do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, email: roberto.marques@urca.br

³ O *hip-hop* é composto por cinco elementos: Breakdance (um estilo de dança de rua); DJ (artista da música eletrônica que utiliza discos para distorcer o som, destacando em um estilo próprio de fazer música); Grafite (considerada uma arte da rua onde a parede se torna o quadro a ser pintado e os sprays se tornam os pincéis); *rap* (Rhythm and Poetry) – ou ritmo e poesia – é um estilo musical marcado pela existência de uma mesma batida que se repete ao longo das rimas

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

atrás, na praça Cristo Rei, por isso tem esse nome. Posteriormente, organizou-se o evento no largo da RFFSA. Nos dias de hoje, ela acontece na praça Siqueira Campos. Atraindo em média um público de 150⁴ pessoas, marcada como um lócus que transborda diversidade, a BDC ocorre nas noites de sábado, no Cariri cearense, no centro da cidade de Crato-CE. Sendo divulgada através das redes sociais do Instagram, What's App, e também de maneira oral, quando sujeitos convidam amigos para se encontrar lá.

2. Objetivo

Tendo como objetivo ilustrar e compreender o mito fundador do *rap* descrito pelos organizadores, descreve-se como este mito influencia as narrativas e discursos tecidos pelos frequentadores da BDC.

3. Metodologia

A pesquisa é de caráter qualitativo e interpretativo. Ao longo desta empreitada, fui a campo e realizei observações do cenário urbano da BDC. Participei dos duelos de rimas como parte da plateia, fiz anotações no caderno de campo. Quando retornei à minha residência, escrevi textos sobre o que observei. Esta prática metodológica têm o nome de Observação Flutuante e se aproxima muito da metodologia etnográfica. Quando o pesquisador está em campo, mas não interage diretamente com os outros agentes da BDC. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com organizadores, frequentadores e MC's⁵ que contaram com um roteiro de perguntas que serviu como baliza. Apenas uma das entrevistas realizadas é citada no texto. As entrevistas foram transcritas no modelo literal – mantendo-se o que ocasionalmente poderiam ser compreendidos como erros de pronúncia, entonações particulares ou termos específicos do campo estudado. Desta forma, como nos ensina Magnani:

O pesquisador não apenas apreende o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esse significado e conseguir descrevê-lo agora nos seus termos (dele, analista), é capaz de atestar sua lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores (2002, p.11)

4. Resultados

Textualizo como resultados observações e vivências realizadas em campo. Como se poderá perceber, essa textualização aciona emoções e sensações vivenciadas por mim. Segue a textualização.

e poesias). Por último, o conhecimento: elemento sem o qual não existe qualquer outro dos cinco elementos. Essas informações foram construídas e interpretadas em campo, através de diálogo com organizadores e frequentadores.

⁴ Segundo os organizadores, atrai em média 150 pessoas, com idade entre 15 e 30 anos.

⁵ MC quer dizer Mestre de Cerimônias. Mas pode-se interpretá-lo como um especialista em rimas.

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

Observando a cena dos duelos de rimas a partir do palco, sou envolvido por um panorama multifacetado, dinâmico e vibrante. As luzes em verde, vermelho e azul são lançadas contra a plateia, emanando uma energia contagiante que permeia todo o ambiente. As caixas de som, ajustadas no volume máximo, fazem com que o som reverberem em nossos corpos, criando uma conexão visceral com a música.

Os organizadores do evento pediram para que todos se aproximassem do palco, para que houvesse participação na Batalha, com gritos, vaias, emoções da plateia. Antes da batalha, para animar, os organizadores gritavam no microfone: "– MC é pistoleiro quando não é bang-bang! O que vocês querem ver?" "– Sangue⁶!" Respondia a plateia. Eu, como parte dela, também respondia, em coro.

Segundo o que pude escutar de um dos organizadores, o sangue representa o suor, a dificuldade de ir até um palco e duelar contra outro "especialista em rimas", um MC, afim de ganhar dele no duelo. Representa também "dar tudo o que tem", usar toda a sua energia contra seu adversário. Ganhar a plateia é difícil! Ficar em primeiro lugar é complicado! Tudo isso denota desafios a serem superados por aqueles que se lançam ao palco, ao duelo de rimas.

Os MC's, com suas rimas afiadas e narrativas envolventes, movimentam-se de forma incisiva para desestabilizar o adversário. Eles apontam o dedo, deboçam e, por vezes, atacam com críticas afiadas contra aspectos da vida pessoal do oponente, transformando cada performance em uma batalha não apenas de rimas, mas de estratégias e emoções. Um dos desafios que permeiam os duelos de rimas é ter que ganhar a plateia. Não basta fazer rimas muito bem elaboradas, com palavras rebuscadas e difíceis de rimar. É preciso ganhar o voto dos jurados da competição – são dois jurados posicionados bem próximos dos dois MC's – e assim obter a vitória. Os dois jurados têm um voto, a plateia, tem outro. Se houver empate, vai para o terceiro e último *round* do duelo.

Segundo um dos organizadores da BDC, pode-se lançar luz ao que ocorre na pequena cidade de Crato, compreendendo o mito fundador do *rap*. O jovem Ícaro, branco e de classe média baixa, com seu cabelo loiro e encaracolado, usando short jeans e blusa preta, deixava seus pés relaxados em cima de sua chinela havaiana. Ícaro é produtor cultural da BDC. Em uma entrevista semiestruturada, me respondeu a seguinte pergunta: - E pra tu, o que o *rap* representa?

Porque *rap*, nos Estados Unidos quando foi criado na década de 90, foi porque existia guerra de gangue, entendeu? Então uma forma de tornar menos violenta era um ganhar do outro no argumento, e tinha que ser um argumento rimado, tinha que ser ritmado, tinha que ter uma batida, entendeu? Tinha que ter isso. Então, a partir do momento que eu ganhava do outro cara que era meu inimigo rival, a gangue deles não tinha direito de vir no meu bairro pra poder fazer alguma baderna ou pra

⁶ Sangue é um termo nativo da batalha do Cristo. A temática *freestyle*, isto é, sem um tema determinado, pode ser chamada de Duelo de Sangue.

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

poder assassinar ninguém, porque eles perderam, entendeu? Então pra eles poder ganhar de mim, tinha que ser na rima [...] (Entrevista realizada com Ícaro, em Agosto de 2022, na praça Siqueira Campos).

O produtor cultural da BDC releva então o mito fundador do *rap*. Quando ele narra "foi porque existia guerra de gangue, entendeu? Então uma forma de tornar menos violenta era ganhar um do outro no argumento [...]" Isso revela também que o cenário e contexto em que o *rap* foi criado, através dos duelos de rimas, eram contextos sangrentos, onde ocorriam mortes violentas mediadas pelo domínio do território. Então esse *sangue* que é dito comumente na Batalha do Cristo é, possivelmente, uma lembrança que se transformou em memória. A memória tem uma função muito importante para um grupo. Para demonstrar tal relevância, pode-se recorrer a Pollak (1989): "A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis" (p. 7).

Existem rimas que se repetem ao longo do evento, ditas pelos oradores, e que sempre contam com participação da plateia. Muitas vezes são usadas pouco antes dos duelos, ou entre um duelo e outro. Por exemplo, quando um dos oradores diz, pouco antes de começar o duelo: "– Tem duas opções pra você escolher..." E a plateia responde: "– Vai matar ou vai morrer!"

Para vislumbrar a representação dos termos "vai matar ou vai morrer", entoados pela plateia, pode-se recorrer ao famoso MC que existe no Brasil, o Emicida. O sufixo "cida" significa assassino de algo ou de alguém, que no caso é assassino de MC's. Acontece que quando um MC perde um duelo na batalha de rimas, ele é eliminado da competição sem chance de retornar a ela. Logo, ele é dado como "morto" naquela situação de disputa.

Então, quando um dos organizadores diz no microfone: "Tem duas opções pra você escolher" E a plateia completa: "Vai matar ou vai morrer!" Ele também está se referindo ao cenário de gêneses do *rap*, onde se podia matar ou morrer. A narrativa construída nos Estados Unidos, no final do século passado, se ramifica e atinge também o cenário de rap da BDC, na cidade de Crato. Firmando-se como elemento constitutivo de várias rimas que se repetem ao longo da competição, ora anunciando sangue, ora anunciando morte. Essas lembranças são as ressignificações de um passado violento e sangrento envolvendo a cultura do *rap*, são entoadas como símbolos que servem para manter vivo o mito do *rap*. Como nos ensina Halbwachs: [...] "A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presentes, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada" (1990, p.71).

5. Conclusão

A pesquisa revela uma conexão significativa entre as origens do *rap* nos Estados Unidos e os discursos contemporâneos apresentados na BDC. Além disso, os

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

termos e expressões utilizados tanto pela plateia quanto pelos oradores durante o evento evidenciam uma relação profunda entre a memória social do *rap* e as narrativas construídas por seus frequentadores, competidores e organizadores. Essa intersecção sugere não apenas a continuidade de uma memória, mas também a reinvenção e o fortalecimento da memória coletiva que permeia essa forma de expressão artística.

6. Agradecimentos

Agradeço a Roberto Marques, orientador da pesquisa. Agradeço também a Ícaro Souza, pela entrevista concedida sobre a Batalha do Cristo.

7. Referências

ALVES, Jakeline P. "E se não for por nós pelos nossos, quem sera?": estudos sobre a in/visibilidade na construção do rap no cariri cearense. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, Paraíba. 2019. p. 01-113.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. P. 53-80.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49. Jun. 2002, p. 11-29

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.